

A interface sintaxe-semântica: elementos de valor temporal em posições não-prototípicas¹

Igor de Oliveira Costa²

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir e analisar o papel temático tempo (postulado como uma extensão do papel locativo) ocupando funções sintáticas não prototípicas. Para tanto, foi construído um pequeno *corpus* com dados de linguagem oral (extraído do projeto NuRC) e de linguagem escrita (retirados do portal Abril.com). O enquadre teórico recortado conjuga especialmente as acepções de Saeed (1997) e Cançado (2005) acerca de papéis temáticos e o trabalho de Payne (1997) sobre relações gramaticais. Os resultados apontam para um dado óbvio: que elementos exercendo o papel temático tempo ocupam majoritariamente a função sintática de adjunto adverbial; e para uma surpresa: a maior quantidade de tais elementos na função de objeto do que na de sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Papéis Temáticos, Funções Sintáticas, Tempo

Introdução

Considerando que elementos temporais possam, semanticamente, se tratar de uma extensão do papel temático locativo, o qual Saeed (1997) e Cançado (2005) definem como “o lugar em que algo está situado ou acontece”, o presente trabalho busca verificar e discutir as ocorrências de tais elementos em posições sintáticas não-prototípicas.

Teoricamente, além dos supracitados trabalhos de Saeed (1997) e Cançado (2005) acerca dos papéis temáticos, recortamos a pesquisa de Thompson e Couper-Kuhlen (2005) sobre a interface gramática e interação, que aponta para a cláusula como o *locus* de convergência entre esses dois âmbitos da linguagem humana e o trabalho de Payne (1997) a propósito de relações gramaticais. A noção de prototipia, emergente das pesquisas de Rosch e Rosch e colaboradores (*apud* Lakoff, 1987), é, ainda, algo que se faz relevante em vários pontos de nossa discussão.

¹ Trabalho realizado para o módulo de Morfossintaxe Funcionalista do conteúdo Morfologia e Sintaxe, ministrado pela Prof^a. Dr.^a Nilza Barrozo Dias no segundo semestre do ano de 2008 no Programa de Pós-graduação em Linguística – Mestrado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Mestrando em Linguística pela UFJF. Bolsista FAPEMIG.

Metodologicamente, optamos por trabalhar com bancos de dados reais, uma vez que nosso interesse é trabalhar com exemplos oriundos da linguagem natural, e não com exemplos construídos.

Nossa hipótese é de que expressões com valor temporal apareçam, majoritariamente, em termos sintáticos, como adjuntos adverbiais. Contudo, também esperamos que tais expressões possam ocupar outras posições, dentre elas, principalmente, a posição de sujeito.

O trabalho que por hora apresentamos, em sua primeira parte, faz uma resumida resenha da literatura utilizada. Na segunda parte, as restrições e os critérios que utilizamos para análise são apresentados. A terceira seção traz os resultados de nossa pesquisa. Por fim, na quarta seção, apresentamos as conclusões.

1. Embasamento teórico

1.1 O papel temático tempo e sua pertinência

De acordo com Cançado (2005:112-113), papéis temáticos são relações semânticas estabelecidas entre o verbo e seus complementos, ou seja, é a função que o verbo designa aos elementos com os quais interage na sentença.

Partindo dessa definição, a autora (2005) estabelece vários tipos de papéis temáticos: agente, “o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle”; causa, “o desencadeador de alguma ação, sem controle”; instrumento, “o meio pelo qual a ação é desencadeada”; paciente, “a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado”; tema, “a entidade deslocada por alguma ação”; experienciador, “ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico”; beneficiário, “a entidade que é beneficiada pela ação descrita”; objetivo, “a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja, afetada por algo”; locativo, “o lugar em que algo está situado ou acontece”; alvo, “a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico”; e fonte, “a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico” (Cançado, 2005:113-114).

Sendo nosso foco os valores temporais instanciados em uma oração, acrescentaremos aos papéis acima o papel temático **tempo**. Este papel será aqui tratado como uma extensão metafórica do papel temático locativo. A metáfora conceptual TEMPO É ESPAÇO (Lakoff e Johnson, 2005 [1980]), em que tempo é concebido em termos de espaço (como podemos observar no exemplo extraído da Revista Placar

“Chegou *o momento do Brasil ganhar o ouro*”, em que o verbo “chegar”, que prototipicamente interage com um espaço/uma trajetória, traz como sujeito o elemento temporal em itálico) corrobora nossa visão. Assim, postularemos como definição para o papel temático **tempo** o seguinte:

Tempo: lugar temporal em que algo está situado ou acontece.

Considerando o *continuum* que se estabelece entre sintaxe e semântica, tanto Saeed (1997) quanto Cançado (2005) associam papéis temáticos e relações gramaticais. Ambos os autores dizem que a associação desses dois conceitos dar-se-á (a) pela correspondência sistemática entre os papéis e as posições sintáticas e (b) pela escolha do verbo. Assim, devido a tal correspondência é possível instituir-se uma hierarquia de papéis temáticos³ para cada uma das posições sintáticas, isto é, as categorias de papéis temáticos que preferencialmente ocupam uma dada função sintática. Para a posição de sujeito, por exemplo, Saeed (1997), Cançado (2005) e Bresnan e Kanerva (1989, *apud* Cançado, 2005a), propõem a seguinte hierarquia⁴: agente > experienciador/beneficiário > tema/paciente > instrumento > locativo[/tempo]⁵.

A respeito do papel tempo, a função sintática que geralmente ocupa, de acordo com Cunha e Cintra (2007), é a função de adjunto adverbial (de tempo), dado ao fato de, geralmente, trazer para a sentença informações que indicam a temporalidade do evento expresso pelo verbo, isto é, um tipo de informação não essencial à semântica do verbo⁶. Daí, a sua total despreferência em ocupar a posição de qualquer dos argumentos exigidos pelo verbo.

Na próxima seção, veremos uma breve revisão das relações gramaticais.

1.2 As relações gramaticais S, A e P

Partindo de três elementos centrais – S (sujeito de verbo intransitivo), A (sujeito de verbo transitivo) e P (objeto direto) –, Payne (1997: 129-167) distingue os dois tipos de sistemas de agrupamento desses elementos mais comuns: o sistema ergativo-absolutivo e o sistema nominativo-acusativo. Hipotetiza-se que a grande maioria das

³ Tal termo é aqui, e em todo esse trabalho, utilizado nos termos de Rosch (1973a, 1973b, 1975a, 1975b, 1977, 1983 *apud* Lakoff, 1987) e Rosch e colaboradores, (1976, 1978, 1981, *apud* Lakoff, 1987).

⁴ Outras propostas de hierarquia para essa posição podem ser encontradas na literatura. Um exemplo é sugestão de Jackendoff (1972, *apud* Cançado 2005a): agente > locativo/fonte/alvo > tema.

⁵ Tendo em vista a proposta aqui apresentada de incluir o papel tempo em extensão ao papel locativo, incluímos, por nossa conta e risco, tal papel nessa hierarquia.

⁶ Claro que, em termos pragmáticos, um adjunto adverbial pode, sim, ser o mais relevante em uma oração, contudo, nesse momento, estamos tratando tal matéria da óptica sintático-semântica apenas.

seis mil línguas (aproximadamente) ao redor do mundo enquadre-se em um desses dois sistemas. As línguas já catalogadas (em torno de 2.700) apontam essa regularidade.

Semanticamente, Payne (1997:133-134) postula que S é o único argumento de uma cláusula de argumento único (ou seja, de uma oração intransitiva) e que A e P são, prototipicamente, o argumento mais agente e o mais paciente, respectivamente, de uma cláusula de múltiplo argumento (oração transitiva).

O sistema linguístico ergativo-absolutivo dispõe, sintaticamente, o elemento S de maneira similar ao elemento P. Assim, em uma língua como o russo, a mesma desinência utilizada para marcar o sujeito de um verbo intransitivo – como em “Doris-**aq** ayallruuq” (“Doris viajou”) – é utilizada para marcar o objeto direto – por exemplo, “Tom-am Doris-**aq** cingallrua” (“Tom cumprimentou Doris”)⁷. Tal sistema pode, apesar da raridade, também manifestar-se em outro âmbito: a ordem de constituintes⁸.

O sistema nominativo-acusativo, por sua vez, arranja, sintaticamente, o elemento S e o elemento A da mesma forma e o elemento P de maneira distinta. A Língua Portuguesa, assim como a maior parte das línguas indo-européias, apresenta esse tipo de organização: em “Ele caiu” e “Ele me bateu”, temos S e A marcados de maneira idêntica (“ele”) e P, de maneira diversa (“me”).

Dessa forma, considerando-se o que tecemos a respeito de elementos de valor temporal e as definições de Payne (1997:129-167) acerca das relações gramaticais envolvendo os elementos S, A e P, podemos assumir que, prototipicamente, nenhuma dessas três classes será espaço para elementos de tal valor.

É, então, nessa direção que nosso trabalho se dirige: verificar as ocorrências e a frequência de elementos temporais em posições não-prototípicas. Assim, interessar-nos-á a aparição de tais elementos em qualquer uma das posições discutidas por Payne e também em outras posições, desde que não seja a de adjunto adverbial.

Passemos, a seguir, a uma breve explanação da interface gramática e interação.

1.3 A gramática emergente da interação

O trabalho de Thompson e Couper-Kuhlen (2005) converge com nosso trabalho no sentido de que nossa análise parte de um banco de dados de língua falada (ou seja, parte de uma interação entre falantes, organizada em turnos de fala) para verificar a maneira como gramaticalmente elementos de valores temporais se formalizam.

⁷ Exemplo extraído de Payne (1997:135).

⁸ Para maiores detalhes e exemplos, ver (Payne, 2007).

Dessa forma, os três aspectos apresentados pelas autoras (2005:482-483) como aqueles que nos permitem olhar para a gramática como emergente da interação (*grammar at work*) embasou nossa escolha em trabalhar com banco de dados. Esses aspectos são: (1) o reconhecimento de que os exemplos rotineiros, os quais denominamos gramática, existem porque os falantes precisam de maneiras sistemáticas para implementar suas ações; (2) o reconhecimento de que a gramática é o conhecimento de como se fazer coisas e como se fazer coisas em conjunto; e, por fim, (3) o reconhecimento de que sendo papel da Linguística fornecer uma explicação do modo como as pessoas realmente usam a linguagem, então tal explicação da natureza da gramática deve ser tanto interacionalmente sensível quanto cognitivamente realista.

Foi-nos também de grande valia na organização de nossos *corpora* a noção de cláusula⁹ como uma unidade de interação, isto é, de que nossa fala compõe formatos gramaticais. Isso permitiu-nos, como será detalhado mais abaixo, estabelecer com maior precisão onde terminava uma oração e onde começava outra, apesar de a transcrição não precisar esse detalhe. A questão da completude de uma oração no turno de outro participante, ou mesmo no turno seguinte do iniciador da oração, foi também mais claramente resolvida desta perspectiva, já que, nesse ínterim, podemos inferir, através da disposição dos itens gramaticais, coisas como a categoria gramatical que se seguirá, o final da oração etc.

2. Critérios e restrições

Principalmente em relação aos dados de língua falada o estabelecimento de alguns critérios para organizarmos as orações foi essencial. Uma justificativa plausível para isso é que, em banco de dados de fala real, encontramos muitas vezes expressões meramente do âmbito interacional, que não têm função gramatical estabelecida, além de preenchedores de fronteiras sintáticas (cf. Silva, Tarallo, Braga e colaboradores, 1993), que podem se tratar de elementos diversos, como: correções, gaguejos, hesitações, falsos inícios, unidades entoacionais destacadas, dentre outros.

Tendo isso em vista, fizemos a opção por considerar apenas orações completas, ou seja, aquelas em que todos seus componentes essenciais (sendo o principal deles o verbo) estão formalizados ou podem ser recuperados co(n)textualmente, tal como em

⁹ Entendida como “o predicado mais (+) os sintagmas que o acompanham” (Cf. Thompson e Couper-Kuhlen, 2005).

casos que um dado participante completa a oração de outrem ou a própria oração que deixara incompleta em turno anterior.

Tomemos o seguinte exemplo:

L2: mas a... as... as... indústrias devem ter crescido... porque naquela época eles estavam...

L1: [

tá... antes de chegar Recife...

L2: a SUDENE estava começando...

Nesse caso, temos a seguinte ilustração: L2 produz uma oração que vai da conjunção adversativa “mas” até a perífrase verbal “ter crescido” e faz uma pausa, a qual, nos moldes conversacionais propostos por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1974]), é um ponto relevante para a tomada de turno; L1, percebendo então tal ponto, dá início a uma elocução que não chega a ser completada; porém L2, ao ser interpelado por L1, já havia dado início a uma nova oração (que dava continuidade à primeira), então para, aguarda um novo ponto para transição (a pausa de L1 depois de Recife) e conclui sua segunda oração (nesse trecho). Observamos, ainda, que o trecho que conclui a oração iniciada pela conjunção explicativa “porque”, inicia-se com o reparo de “eles estavam” – que termina a primeira parte da oração –, sendo trocado por “a SUDENE estava”. Tendo em vista tal critério, foram consideradas as orações proferidas por L2, inclusive a de seu segundo turno, mas não a de L1.

Outra escolha que fizemos foi que, considerando ser a transcrição das falas do Projeto NUrC extremamente limitada, não marcando, em função da prosódia, o fim das cláusulas (tal como apresentam os dados em Thompson e Couper-Kuhlen, 2005) todas orações, sejam elas coordenadas ou subordinadas, foram consideradas individualmente.

Assim sendo, observemos mais um exemplo:

L2: indústrias químicas... tinha bastante lá... e tive passeando lá um... tempo de carnaval até achei um troço bem esquisito né? o pessoal se diverte jogando coisas fora... então eles têm... um curso... não sei se você já ouviu falar...

L1: [

ué?

L1: não... eu sei através desse amigo meu... que está em Maceió... que passa fim de semana em Recife... normalmente... e ele me contou que o carnaval de lá... pelo que ele fala... deve ser o antigo carnaval daqui...

Nesse trecho, o que queremos exemplificar está exclusivamente no turno de L1. Inserimos o turno de L2 para ficar claro que L1 responde tal turno. Assim, considerando os critérios aqui propostos, no turno em questão, temos seis orações: (1) “não... eu sei

através desse amigo meu...”, (2) “que está em Maceió...”, (3) “que passa fim de semana em Recife... normalmente...”, (4) “e ele me contou” (5) “que o carnaval de lá... [deve ser o antigo carnaval daqui...]” e (6) “pelo que ele fala...”.

No que diz respeito aos dados de língua escrita, foi-nos necessário manter apenas o critério de considerar individualmente todas as orações cujos verbos estão formalizados ou são passíveis de serem recuperados co(n)textualmente, já que, nesse tipo de *corpus*, não nos deparamos com fenômenos típicos da fala – tais como sequências que dizem respeito apenas ao domínio interacional, orações completadas em turnos distintos etc. – o que o tornou a tarefa de organizar as orações menos complexa.

Entretanto, tivemos outro tipo de problema: o conteúdo dos resultados de uma busca dentro do sítio que utilizamos para compor o *corpus*, muitas vezes não apresenta as sentenças perfeitamente organizadas. Com isso, tivemos o número de orações de nosso banco de dados afetado em termos medianos.

3. Resultados

Conforme enunciado à introdução do presente trabalho, temos como objetivo identificar e numerificar a presença do papel temático tempo em posições sintáticas não-prototípicas.

Abaixo, apresentamos os resultados subdivididos em: resultados da análise do banco de dados de língua falada (seção 3.1) e resultados da análise do banco de dados de língua escrita (seção 3.2)¹⁰.

3.1 Cômputos da língua falada

O nosso banco de dados de língua oral é composto por 378 orações, correspondentes aos dois primeiros tópicos discursivos (viagens e clima) do inquérito 158 do Projeto NUrC-RJ, que se trata de um diálogo entre dois informantes.

Nesse banco de dados, foram encontradas 48 expressões com valor temporal. As seguintes funções sintáticas exercidas por tais expressões foram encontradas:

- (1) Adjunto adverbial de tempo, como em: “**sábado** eu senti frio”.
- (2) Oração subordinada adverbial de tempo, como por exemplo: “...**quando tinha festa no clube...** ninguém chegava perto...”.

¹⁰ Os *corpora* utilizados no presente trabalho compõem o anexo encontrado após as referências bibliográficas.

(3) Objeto direto, como em: “sim... você tem **um dia propício** e aí você tem que escolher o lugar”.

(4) Predicativo: “São **vinte anos**”.

(5) Complemento Nominal: “...então a gente entra em contato com a sede... para ver qual a programação **dos fins de semana longos...**”.

A frequência de ocorrências de tais expressões ocupando as funções acima foi:

Posição	Ocorrências	%
Adjunto adverbial de tempo	38	79%
Oração subordinada adverbial de tempo	5	11%
Objeto direto (P)	3	6%
Predicativo	1	2%
Complemento Nominal	1	2%
TOTAL	48	100%

Tabela I: ocorrências de valor temporal em funções não-prototípicas em dados de língua oral

Tal como esperávamos, a grande maioria de aparições de expressões com papel temático tempo foi ocupando a função sintática de adjunto adverbial de tempo, ou sua realização complexa, oração subordinada adverbial de tempo, totalizando juntas 90% das ocorrências.

Observamos à introdução que apostávamos, principalmente, na ocorrência de tal papel exercendo a função de sujeito (seja como S, seja como A), entretanto, nesse banco de dados, não encontramos um caso sequer. Deparamo-nos, contudo, com três aparições na posição P, além de uma como predicativo e outra como complemento nominal.

3.2 Cômputos da língua escrita

O *corpus* de língua escrita é formado por 68 orações¹¹, que se tratam das cláusulas que obtivemos a partir dos trinta primeiros resultados obtidos da busca do item lexical “momento”¹², no portal da Editora Abril (<http://www.abril.com.br/>) e restrito à Revista Placar. Tal restrição se deveu ao fato de intuirmos que, em textos cujo

¹¹ Embora bem menor do que o *corpus* de língua oral, observamos que esse banco de dados foi formado através de uma busca direcionada, o que nos deu um número de aparições de elementos temporais muito próximos do de língua oral.

¹² A escolha por essa entrada no *software* de busca do portal de seu em função de julgarmos que tal item prototipicamente expressa uma noção temporal.

assunto é futebol, encontrar-se-ia, em maior número, ocorrências que se enquadram na pertinência desse trabalho.

Encontramos 39 expressões cujo papel temático é tempo. Foram quatro as posições sintáticas ocupadas por tais expressões:

- (1) Adjunto adverbial, como em: “**Em bom momento**, Juan sonha com titularidade contra Venezuela.”.
- (2) Objeto direto: “Chico comemora **bom momento** no Atlético-PR”.
- (3) Predicativo, como por exemplo: “Para Carlos Alberto, não é **momento de provocações**.”.
- (4) Sujeito: “Chegou **o momento do Brasil ganhar o ouro**”.

A assiduidade desse tipo de expressão nessas funções foi a seguinte:

Posição	Ocorrências	%
Adjunto adverbial de tempo	18	46%
Objeto direto (P)	15	38%
Predicativo	3	8%
Sujeito (S)	3	8%
TOTAL	39	100%

Tabela II: ocorrências de valor temporal em funções não-prototípicas em dados de língua escrita

Conforme se observa, nos dados de língua escrita obtidos a partir da breve busca da palavra “momento” no portal supracitado, a ocorrência de tempo com função de adjunto mantém-se, ainda, majoritária, apesar de bem abaixo de sua ocorrência em língua oral – praticamente metade dessa. Percebemos também a relativa alta frequência dessas expressões na função de objeto direto (P), possibilitando-nos, de certa forma, colocar em cheque, nessa modalidade da língua, a centralidade da função de adjunto para expressões com tal valor.

Nesse banco de dados, encontramos o tempo na posição de sujeito, tal como apontamos inicialmente. Porém, a ocorrência em tal função, deu-se apenas na posição S – sujeito de uma oração intransitiva –, não houve nenhuma ocorrência como A. Observa-se, ainda, que, em todos os três casos em que o tempo aparece como sujeito (S), ele aparece como sujeito do verbo chegar. Além desses casos, encontramos ainda três ocorrências como predicativo.

4. Comentários finais

A análise efetuada neste estudo consistiu em identificar e verificar a frequência do papel temático tempo – entendido como extensão metafórica do papel locativo – exercendo funções sintáticas que não sejam a de adjunto adverbial (de tempo) em pequenos bancos de dados de língua oral e de língua escrita.

Foi à luz dos trabalhos de Saeed (1997) e Cançado (2005) acerca de papéis temáticos, do trabalhos de Payne (1997) e da pesquisa de Thompson e Couper-Kuhlen (2005) que buscamos organizar e desenvolver a pesquisa aqui empreendida.

Partindo, então, dos resultados aqui obtidos, pudemos, de maneira geral, confirmar que a categoria sintática que centralmente expressões temporais exercem é, de fato, a de adjunto adverbial, apesar de, especialmente no caso da modalidade escrita da língua portuguesa, encontrarmos uma quantia relevante de expressões com valor temporal na posição P (objeto direto).

Esperávamos também encontrar uma quantia de elementos temporais nas posições S e A maior do que nas demais posições periféricas, o que, ao menos em nossos *corpora*, não se confirmou: obtivemos apenas três ocorrências (e somente no *corpus* da modalidade escrita), ao passo que na posição P foram dezoito aparições (três na língua oral e quinze na língua escrita).

Por outro lado, considerando-se ser este um estudo preliminar, bastante limitado, os resultados apresentados demandam ainda muita pesquisa, no sentido de confirmá-los em *corpora* mais representativos.

Referências bibliográficas:

ABRIL.COM. **Notícias online, atualidades e sites Abril**. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: out./nov. 2008.

CANÇADO, Márcia. Os papéis temáticos. In: _____. **Manual de Semânticas: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.111-125.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

PAYNE, Thomas E. Grammatical relations. In: _____. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.129-167.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emmanuel; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas**, v.7, n.1 e 2, p.11-73, 2003[1974].

SAEED, John I. Sentence Semantics 2: Participants. In: _____. **Semantics**. Oxford: Blackwell: 1997. p.148-180.

SILVA, Giselle M. O.; TARALLO, Fernando; BRAGA, Maria Luisa. Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. In: CASTILHO, Ataliba T. **Gramática do Português Falado III: As abordagens**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993. p.193-217.

THOMPSON, Sandra A.; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. The clause as a locus of grammar and interaction. **Discourse Studies**, v. 7, n.4-5, p.481-505, 2005.